

Modernidade, Pós-Modernidade e a Teologia

Pensamentos sobre uma Postura Teológica Democrática e Interdisciplinar — um Debate

Dario G. Schaeffer

1 — Onde Começamos?

Quem se ocupa com a história sabe que determinadas posturas, ações e acontecimentos que caracterizam épocas da humanidade nem sempre são claramente delineáveis no tempo. Há espaços históricos em que certas características do comportamento humano ou de processos da natureza afloram pela primeira vez, ou então de maneira mais acentuada que em outras, dando ao momento ou à época um destaque especial. Mas não é possível dizer que somente surgiram em determinado tempo ou então que depois desapareceram. Tudo o que acontece na história humana de alguma maneira tende a reaparecer posteriormente, de outra forma, mais avançada ou não. Mas nada do que se passou se perde para sempre. Reconhece-se hoje que o tempo é curvo. Ele acaba fechando seu círculo alhures, sem, no entanto, chegar simplesmente ao ponto de partida, o que resultaria numa repetição ininterrupta. O tempo volta à sua origem, mas esta já não será a mesma. É, sem dúvida, um reencontro do presente com o passado, mas um passado reinterpretado por um presente mudado.

Por isso é difícil dizer quais são as épocas da modernidade, quais as da pós-modernidade, quais as épocas antimodernas ou qual o tempo da antemodernidade. Pois certamente vamos encontrar sinais, ações, acontecimentos, que hoje denominamos com estes nomes, espalhados por todos os tempos e por todas as épocas conhecidas da história.

Mas há convenções. Elas se corporificam em forma de conceitos, através de uma nomenclatura que tenta sistematizar a história para torná-la didaticamente acessível à razão humana. No entanto, nem sempre conseguem abranger a riqueza da diversificação dos comportamentos humanos e dos processos da natureza, evidenciando a difícil tarefa do historiador de localizar no tempo e no espaço a dialética do devir humano. Daí a relatividade da pergunta que coloco para iniciar: em que era vivemos hoje no Brasil?

Será que 1993 é caracterizado pela modernidade ou pela pós-modernidade? Pelo contramodernismo ou antimodernismo ou por atitudes anteriores à era moderna? O que vamos dizer do neoliberalismo... é moderno ou pós-moderno? Seu rastro de enfraquecimento do Estado e de fortalecimento da iniciativa privada não indica para trás da Revolução Francesa, ou até

para trás da primeira vez em que se fala da *res publica* como característica da responsabilidade do coletivo para com a causa da humanidade e que criou a estrutura do Estado? O neoliberalismo não tem então uma característica política tipicamente antimoderna? Mas ao mesmo tempo não podemos dizer isso, pois quem usufrui do neoliberalismo, mesmo mal feito, é o empresariado de poder, que assume não apenas a coordenação da economia de nível privado, mas engloba o Estado em sua rede de poder. E isto é algo tipicamente moderno, baseado na economia da racionalidade do lucro, do frio cálculo das probabilidades e das capacidades do mercado, este um fruto da concepção social e econômica da modernidade. Porém seus resultados, sua concepção de desenvolvimento, sua visão de mundo — que trazem consigo a miséria absoluta, a morte pela fome de grandes massas da humanidade e, por outro lado, estados, cidades e pessoas com riquezas cada vez maiores e com melhores condições de vida; que trazem consigo conhecimentos tecnológicos impressionantes, ao mesmo tempo que destroem a natureza de maneira irremediável e cada vez mais rapidamente — são sinais claros de uma era que ao mesmo tempo leva ao extremo as concepções modernas do planeta bem como se volta contra elas. Os pólos opostos não mais se afastam à velocidade da luz, mas agora se atraem e se inter-relacionam: a bomba atômica de Hiroshima inaugurou tristemente a era da pós-modernidade quando tornou claro que o desenvolvimento e a destruição do planeta são resultados de uma mesma atitude, assim como a fome e a riqueza “convivem” cada dia mais perto na tendência à metropolização da humanidade. É uma característica pós-moderna, com aspectos de tragédias pestilentas da obscura Idade Média, antemoderna.

Isto é: vivemos todas as épocas em 1993 no Brasil. Isto não quer dizer que elas sejam indefinidas. É possível identificar cada uma delas. No entanto, se torna difícil localizar no passado a era disto ou a era daquilo, quando podemos verificá-las, juntas e interagindo, *in loco* no dia-a-dia da existência. Nossa época é rica por constituir a ponta da história. Convivemos com todas as épocas e ao mesmo tempo sofremos as consequências de todas elas. Talvez seja esta a característica mais apropriada para aquilo que chamamos de pós-modernidade.

Vou tentar entrar um pouco mais na discussão e na análise de como a “modernidade” e a “pós-modernidade” são vistas, sem naturalmente esgotar nem de longe o assunto.

2 — Modernidade e Pós-Modernidade

Para Boaventura de Souza Santos¹ a modernidade se caracteriza pela riqueza em dicotomias. A principal e básica delas é a formal/informal. Essas dicotomias são exacerbadas pelo fenômeno do déficit da capacidade de mediação.

O efeito conjunto destes dois processos tem sido a recorrente oscilação entre os pólos das dicotomias e, conseqüentemente, a vigência exagerada de um pólo ou outro.²

(...) nosso século nasceu em plena reação ao formalismo do direito napoleônico e da teoria política liberal. A reação assume duas formas: uma radicalmente antiformalista, a revolução; e outra, moderadamente antiformalista, o reformismo. Depois de duas décadas tumultuosas, a reforma acabou por se transformar no modelo hegemônico de transformação social nos países capitalistas centrais e a forma política em que se cristalizou foi o Estado Providência.³

Santos afirma que a recorrência do movimento de oscilação entre os pólos das dicotomias características da modernidade acabou por transformar internamente as dicotomias. Em vez de mediação, que faltava antes, agora os pólos se aproximam tanto, que acabam causando o colapso das dicotomias e os antigos pólos opostos acabam se transformando em duplos uns dos outros. “(...) estamos perante uma situação nova, que à falta de melhor nome se pode designar por transição pós-moderna.”⁴ Ele analisa este fenômeno em três situações de dicotomia: natureza-sociedade, Estado-sociedade civil e justiça formal-justiça comunitária.

A conclusão que se pode tirar dessa posição é a de que a falta de uma comunicação entre as posições dicotômicas da sociedade moderna, que não é apenas uma comunicação verbal, mas essencialmente material, política e econômica, levou não a um afastamento maior, mas a uma interação entre os opostos, fazendo com que eles se tornem duplos um do outro, isto é, um é o espelho do outro. Analisem, p. ex., o que acontece entre a classe média e os miseráveis. Enquanto que uma tenta manter a separação antigamente possível pela formalidade da lei, através de grades e guardas de segurança, a outra invade, ocupa e desapropria por necessidade. Os extremos se tocam fisicamente em seqüestros, assaltos, etc. A justiça formal está sendo derrubada em favor de uma justiça comunitária. Não entro em méritos valorativos e éticos disto nem do que acontecia antes. Apenas analiso o movimento que chamo, para fins de identificação, de interdisciplinaridade empírica ou da existência. Uma característica da pós-modernidade.

A conceituação da pós-modernidade precisa também passar por Fritjof Capra. Em seus dois livros mais conhecidos⁵ este cientista parte da física para estabelecer uma relação desta com a cultura oriental. Posiciona-se criticamente frente ao cartesianismo que caracteriza de modo unilateral todas as concepções das ciências ocidentais. Propõe um pluralismo interdisciplinar para as ciências. Com isto dá um impulso importante na concepção de interdisciplinaridade da existência: nada existe independentemente do outro. O pensamento moderno inaugurou a ciência e a concepção de que o conhecimento científico, que procura penetrar o mais profundamente possível no conhecimento das coisas através de métodos analíticos e críticos, é o fundamento para o conhecimento humano confiável e seguro. Para que este conhecimento seja construído, a modernidade dividiu o mundo em seto-

res e criou as especializações. Estas trouxeram conhecimentos impressionantes, mas ao mesmo tempo acabaram com o mito e com o empírico como valores “úteis” para o conhecimento. Criaram outro mito: o de que somente as comprovações científicas, que obedecem a determinados padrões e conceitos, são base para um conhecimento seguro. Isto em todos os aspectos da vida e do cosmos, desde o surgimento do universo até a teologia.

Capra nos indica que essa época científica, da setorização e da dicotomização do conhecimento, foi de alguma maneira sendo superada. Um dos sentimentos de perda foi de que o ser humano, ao mesmo tempo objeto e sujeito dessa concepção moderna de ciência, foi construindo uma sociedade totalmente alienada. Isto é, enquanto setores cada vez menores da sociedade se desenvolvem cada vez mais rapidamente, outros reduzem a velocidade de acompanhamento, até estagnarem ou recuarem. Altas tecnologias precisam, pois, conviver com uma miséria cada vez maior e dependente. E as tecnologias de ponta não perguntam realmente pelo desenvolvimento do ser humano, mas muito antes pelos resultados de sua *performance* no mercado mundial. É a vida que é apartada do mercado. Uma das dicotomias mais trágicas da modernidade.

Santos aponta muito bem para a incapacidade de mediação entre os pólos dicotômicos como uma das características da modernidade. No entanto, na atualidade pós-moderna esses pólos se aproximam tanto que acabam interagindo, provocando a necessidade de um novo posicionamento global frente aos problemas que afligem o globo terrestre. A miséria não é mais privilégio das grandes massas empobrecidas do Terceiro Mundo — pólo correspondente, mas dicotômico do Primeiro Mundo rico. A invasão do Norte pelos pobres do Sul, a crescente onda de violência, de seqüestros, de assaltos, as organizações de arrastões no Brasil e o tráfico de drogas incontrolável, bem como as manifestações e guerras de natureza étnica a nível internacional, são sinais de aproximação física de pólos que se acreditava incapazes de interagir.

Mas também o crescente reconhecimento de que a concepção moderna do *welfare state* não poderá mais ser sustentada por trazer conseqüências sócio-ecológicas negativas e irreparáveis para a qualidade de vida do planeta coloca o mundo rico diante da pós-modernidade. Isto toca na questão da conservação/depredação do meio ambiente de vida. A sujeira do ar e da água, bem como o horizonte cada vez mais próximo da destruição total da natureza que sustenta a vida no planeta, não deixam mais espaços muito extensos entre os pólos formais, sociais, nacionais, raciais, econômicos do mundo. A vida que está em jogo é a de todos, em todos os sentidos.

A pós-modernidade tem diversas possibilidades de leitura. O psicólogo argentino Follari⁶ e o teólogo alemão Honecker⁷ são exemplos interessantes. O primeiro parte de perguntas e afirmações como: a pós-modernidade é uma atitude de alguns ou é o perfil de uma época? É o fim da modernidade ou é apenas um golpe a mais para a sua derrota? Ou será uma continui-

dade natural da modernidade, sua superação ou sua radicalização? É uma antimodernidade, uma atitude crítica ou é a aceitação tácita do que hoje se entende por conseqüências da modernidade?⁸

Honecker coloca cinco características da pós-modernidade, das quais menciono duas: 1) A pluralidade que forma o foco da pós-modernidade e não deve ser confundida com o holismo da “Nova Era” nem com esoterismo e pseudo-espiritualidade. “A multiplicidade dos métodos, princípios e idéias, a mescla dos estilos, p. ex. da literatura e ciência, transformam-se em programa.”⁹ 2) É o fim das “metautopias” (*Meta-erzählungen*). As idéias globais de concepção universalista e homogeneísta entraram em colapso final. “A emancipação da humanidade e a racionalidade do iluminismo, a consumação do espírito no idealismo, a hermenêutica, a compreensão abrangente nos termos do historicismo, a felicitação da humanidade pela riqueza no capitalismo e a libertação no marxismo — tudo isso perdeu a credibilidade. As grandes visões e idéias se despedaçaram.”¹⁰ Essas metautopias somente poderiam ser concretizadas através do terror e da violência das ações totalitaristas. Especialmente diante do fato de que as populações cada vez mais amplas e mais heterogêneas aceitariam sempre mais dificilmente idéias hegemônicas. É o fim do governo mundial. Está aí na íntegra a mensagem da história da torre de Babel.

Outro aspecto importante da pós-modernidade é a nova concepção de comunicação. Como Santos já disse, os pólos dicotômicos da era moderna carecem de inter-relações. Assim, também as diversas “disciplinas” em que foi dividida a existência, especialmente em suas análises científicas, carecem de comunicação entre si. Muito interessantes são as conclusões que Capra (em *Ponto de Mutação*) tira de conhecimentos científicos a respeito de comunicação. Recorre à discussão fundamental entre Einstein e um cientista da mesma época, Niels Bohr, sobre os fenômenos das reações de partículas subatômicas. A partir de um deles houve uma divergência entre os dois cientistas que colocou a claro as tendências e as leituras diferentes de ambos. Uma partícula subatômica, diz Capra, não pode ser comprovada por si só como existente. Uma vez ela se mostra como onda, outra vez como partícula, e cada vez que se pensa ter conseguido captar sua forma, ela muda novamente, impossibilitando a captação de sua propriedade. Tira conclusões:

2.1 — Elas somente existem em correlações. Não têm existência fora delas. O que leva à conclusão de que aquilo que é reconhecido de mais fundamental da matéria somente existe quando estabelece uma relação. Não há matéria quando não há uma relação.

2.2 — A polêmica de Einstein estabeleceu-se quando discutia com Bohr a comunicação entre essas partículas subatômicas. “Einstein nunca pôde aceitar a existência de conexões não-locais e a resultante natureza fundamental da probabilidade.”¹¹ No entanto, Bohr demonstrou que quando

duas partículas interagem, seu *spin*, isto é, seu movimento de rotação se torna correspondente, elas estabelecem uma comunicação e giram na mesma frequência, em sentidos opostos. Estas partículas, mesmo quando separadas por milhares de quilômetros de distância, se comunicam instantaneamente: quando a rotação de uma é invertida através de algum processo de interferência, a outra no mesmo instante muda sua rotação também.

Isto quer dizer que há, cientificamente falando, sistemas de comunicação subatômica que ultrapassam tudo o que até aí conhecemos: é a comunicação sistêmica.

2.3 — Essa realidade está no fundamento de toda a matéria, de todos os sistemas. Mesmo que nosso conhecimento tradicional e superficial nos diga que há objetos inanimados ao nosso redor, que não contêm vida nem movimento, como p. ex. pedras, minerais, etc., na realidade não existe nada que não esteja em constante movimento e em constante comunicação sistêmica com o todo do universo. Podemos ir mais adiante ainda: na realidade nada existiria, se não estivesse em constante relação. A matéria, olhando-se para seus componentes básicos, somente existe por causa de sua inter-relação. O pensamento científico racional e lógico, baseado na filosofia de Descartes, que ainda hoje caracteriza profundamente toda a ciência moderna, é superado com isto: não existo porque penso, mas existo porque me relaciono, porque me comunico. Fora disto não existe nada. E o que não se entende como um sistema inter-relacionado acaba se autodestruindo quando assume uma atitude de concorrência em vez de uma atitude de “complementaridade”. Este termo, que se impõe frente ao seu oposto, que é a concorrência, é fundamental na concepção de pós-modernidade.

2.4 — Discussões sobre o termo “complementaridade” me levam a ter que colocar aqui um breve complemento. Este termo deve ser entendido no contexto da concepção de Capra. O Oriente, segundo ele, conhece desde tempos imemoriais a inter-relação entre os sistemas naturais do universo. Para sua cultura existem forças opostas na natureza, desde os macrosistemas galácticos e intergalácticos até os microsistemas de nosso corpo. No entanto, essas forças não se anulam, numa concorrência destruidora, mas se complementam. Suas características de opostas têm a natureza de complementaridade, não perdendo sua característica própria. Assim a idéia das forças *Yin* e *Yang* na cultura oriental representa essas forças opostas que agem na natureza, possibilitando sua existência. No momento que uma se torna maior que a outra ou uma se separa de outra, a existência fica ameaçada. O segredo da vida reside na complementação entre essas duas forças, que interagem eternamente.

2.5 — Segundo Capra, a sociedade ocidental, a partir principalmente de Descartes, acentuou e usou a dicotomia como característica da ciência.

A concepção de que o mundo e o ser humano são máquinas, que podem e precisam ser decompostas em partes para que se possam entendê-las, trouxe consigo dicotomias irreconciliáveis e não mais complementares. O desequilíbrio da vida natural e social foi o resultado disso. Hoje a ciência ocidental, passando pela medicina, pela física, pela literatura, pela arte, etc. e indo até as estruturas sociais e concepções ideológicas, passa pela idéia da separação, da divisão e principalmente pela concepção de que a razão é a base da vida. Os acontecimentos pós-modernos começam a abalar esta concepção, bem como os conhecimentos científicos.

Isso tem uma implicação fundamental na relação do ser humano consigo mesmo e com a natureza, p. ex. Se aceito a idéia de que existo porque penso, certamente não poderei aceitar a natureza como uma existência com consciência própria e que precisa ser respeitada em seus sistemas. E a questão ecológica de defesa do meio ambiente está colocada exatamente neste ponto: o reconhecimento do inter-relacionamento e da complementaridade sistêmica da natureza. Mais do que isto: sua existência depende disso. Ela deixa de existir se os sistemas são quebrados. Além da mata amazônica, temos inúmeros outros exemplos que tornam isso claro.

Sim, a sociedade humana deixa de existir quando os sistemas de vida nela são destruídos, quando se constroem sistemas onde a inter-relação não é mais de complementaridade, mas de concorrência. Mesmo que o ser humano possa aparentemente agüentar essa pressão antinatural da concorrência consigo mesmo, com os outros, com a natureza, ele próprio e tudo o mais acabam sucumbindo. A realidade de doenças pestilentas, como a AIDS e o câncer, é fruto de um desequilíbrio sistêmico da vida, não apenas, mas também, do indivíduo, porém especialmente dos sistemas sociais humanos.

A pós-modernidade é constituída de uma tendência de rompimento com essa realidade. As culturas e religiões orientais são uma grande ajuda para isso. Durante séculos foram relegadas ao nível de religiões pagãs pelo Ocidente, onde se construíram, a partir da leitura científica da fé cristã, sistemas de poder, que são as igrejas, p. ex. Na realidade da história cristã, e conseqüentemente na epistemologia científica, não encontramos contatos com os conhecimentos orientais acerca das relações sistêmicas de tudo que existe no mundo. Nunca a ciência oriental, contida nas filosofias e religiões, foi levada a sério pelo Ocidente. Nunca algum sábio oriental, que conhece os segredos seculares das inter-relações dos sistemas de vida e sua significação básica para a existência, recebeu um prêmio Nobel, p. ex. Nunca interessou ao Ocidente deixar-se influenciar interdisciplinarmente pelo conhecimento oriental.

Hoje a ciência ocidental se vê forçada a aceitar que há conhecimentos básicos no Oriente que não chegaram a nós por causa do cartesianismo que norteou a produção de conhecimento ocidental por séculos. Estamos diante de uma era em que pólos opostos se aproximam, as dicotomias não funcionam mais com a formalidade de antanho, as comunicações e as inter-re-

lações se estabelecem fora dos padrões “normais”, os conhecimentos precisam se renovar.

2.6 — Por isso é preciso tirar mais uma conclusão importante: a pós-modernidade não é simplesmente uma antimodernidade ou um retorno ao antemodernismo. É, antes, uma superação no sentido da aglomeração sistêmica, que produz resultados inesperados e imprevisíveis. O que quer dizer que, apesar da análise crítica, os conhecimentos da era moderna, bem como os de outras eras, não podem ser descartados nem minimizados. Ao contrário, eles têm sua validade como atores históricos comprovada. No entanto, seu espaço, antes tido como absoluto, final, insuperável, hoje se reconhece como incompleto, finito e superável no avanço para novos horizontes. E isto é o realmente pós-moderno: o reconhecimento de que o absoluto não existe, que através das inter-relações sistêmicas tudo pode acontecer e tudo pode mudar. A estabilidade, se é que pode existir, será apenas momentânea. Para nos dar a chance de respirar. Mas ela não existe como um absoluto. O equilíbrio somente se estabelece no inter-relacionamento das probabilidades e nunca é estático. Tudo no universo está em constante movimento e em processo de mutação. Na imponderabilidade, no processo sistêmico, no provável estão as verdades do pós-moderno. É aí que “tudo que é sólido desmancha no ar”.

2.7 — A democracia e o ecumenismo, estes valores que só podem existir como processo e nunca como fixação de verdades, só existem a partir desse posicionamento cognitivo. Qualquer laivo de absolutismo, de hegemonia de poder de uma força sobre a outra, qualquer rompimento da proposta de complementaridade no sentido exposto acima quebram os tênues laços da rede sistêmica que sustenta a práxis da democracia e do ecumenismo. Será que algum dia teremos a chance de sentirmos a pujança total desses valores? É isto que deveremos analisar daqui para diante.

3 — E a Teologia?

Podemos agora destilar algumas características da pós-modernidade como instrumentos de trabalho para analisarmos o que isso significa para a teologia e para a ação dos cristãos no Brasil. Seriam: a interdisciplinaridade, a aproximação entre os pólos opostos e o colapso das dicotomias, a substituição da competição pela complementaridade, a descoberta da comunicação sistêmica, a democracia, o ecumenismo, a pluralidade, o antiformalismo. Vemos que há uma série de atitudes, especialmente provindas de um voltar-se das ciências para o empírico e para a abertura plural, que caracterizam a pós-modernidade. O que, no entanto, trago aqui para o debate não tem a pretensão de esgotar o assunto. Na verdade este artigo não passa de

uma tentativa de colocar algumas pistas metodológicas para uma leitura das diversas realidades em que vivemos, também a teológica.

A teologia é uma ciência como qualquer outra. As influências que sofre durante a história não diferem das influências que outros ramos do pensamento e do conhecimento também sofrem, Portanto, também podemos analisar uma teologia moderna a partir dos insumos históricos proporcionados pelas grandes linhas filosóficas que caracterizaram a história das ciências, em especial do cartesianismo. O que não farei aqui. É tarefa para outro, com mais fôlego. Apenas as conseqüências devem ser tocadas para abrir o debate.

A teologia que caracteriza a produção de conhecimento na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) tem a herança européia de cunho histórico-crítico. Esta conceituação de teologia, que analisa e explicita o mito para superá-lo e pretende ser uma superação da explicação de textos bem como da fé cristã a partir da concepção fundamentalista, inaugurou a fase moderna da teologia. Teologia não se faz mais pelo viés da emoção e da compreensão subjetiva de textos e da história da Igreja ou até do sentimento religioso, mas a partir de uma análise científica, a partir da análise sociológica e política, a partir de pesquisas arqueológicas e literárias, de análise de texto, de descobertas do contexto, em que e para que e por quem foram escritos os livros bíblicos, etc. A partir daí se tiram conclusões sobre o conteúdo original das mensagens. Tudo muito científico. Teólogos se especializam como cientistas nas mais diversas disciplinas em que se decompõe ou de que se compõe a fé. Alguns em Antigo Testamento, outros em Novo Testamento, alguns em História da Igreja, outros em História das Religiões, outros em Teologia Sistemática, outros em Teologia Prática, etc. Dentro desses setores gerais havia e há especializações cada vez mais específicas, como p. ex. a respeito de métodos exegéticos, sobre línguas antigas, acontecimentos históricos, locais de acontecimentos descritos na Bíblia, ou mais ainda o aprofundamento sobre termos e idéias usadas pelos escritores bíblicos. Houve descobertas políticas e sociais a respeito de um mundo, cujos ecos nos chegavam através de textos de milhares de anos de idade, que clarearam a história da humanidade. Disputas decenais foram encetadas entre teólogos, especialmente europeus, sobre a validade e o valor do mito, ou da historicidade de Jesus, ou da originalidade de textos, p. ex. A desmitologização capitaneada por Rudolf Bultmann, em polêmica constante contra teólogos como Karl Barth, nada mais intencionava do que clarear a visão teológica e fazer com que a fé, agora livre dos mitos em que estava envolvida, se tornasse mais científica, mais plausível, mais palpável, mais “provável” num mundo moderno, onde a credulidade no mito, na fé empírica se tornava cada vez mais ultrapassada. Ou pelo menos parecia que se tornava.

Engels e Marx na sociologia/economia política, Freud na concepção existencial da sexualidade, Einstein com a relativização das leis do universo estão dentro do caminho iniciado por Galileu e Copérnico, inauguradores

da era da ciência moderna, consolidada pela concepção filosófico-científica de Descartes. Acabaram pressionando a teologia para o terreno do saber científico, cada vez mais revolucionário, no sentido de colocar novos valores à disposição do conhecimento, mas também da fé da humanidade. De repente a proposta de polemizar com a concepção teológica e eclesial do universo e da humanidade criou a dicotomia moderna entre a ciência e a teologia. Cada uma em seu mundo, em seu setor de atuação pregava seus valores e suas concepções, suas verdades, que na realidade se tornavam absolutas e cortavam os contatos: ciência e teologia se tornaram pólos opostos. Estabeleceu-se o que Santos chama de “déficit de mediação”. Uma característica típica da modernidade.

Mas qual é a intenção real de toda essa ciência teológica? A de fazer com que a fé em Deus, em Cristo se torne maior e mais forte. Não acho que deva ser este artigo que coloque em dúvida os conhecimentos da ciência em geral nem os da teologia histórico-crítica. Esta, aliás, já bastante alvejada em sua hegemonia de décadas pela concepção da teologia da libertação, que partiu do contexto histórico dos pobres de hoje, e não mais do conhecimento científico da mensagem bíblica, para interpretar existencial e concretamente os valores cristãos, tanto da Bíblia como das tradições eclesiais. Pelo contrário. Creio que os conhecimentos advindos de um trabalho científico-teológico dentro da concepção histórico-crítica são irrecorribéis e imprescindíveis para que se entenda o fenômeno da religião cristã em especial e das religiões em geral. A teologia científica tem, p. ex., o crédito impagável de ter ligado a fé a uma postura política participativa com critérios de criticidade e de ter aberto espaços importantes para que as tendências revolucionárias tenham na teologia uma interlocutora não apenas crítica, mas complementar em vários aspectos. A concepção de um Deus encarnado na realidade sócio-política, participante do processo histórico da humanidade, é um reconhecimento e uma postura teológica que não se podem mais contestar. É fundamental também para o surgimento da teologia da libertação.

No entanto, é preciso reconhecer que a ciência teológica não conseguiu mudar ou ampliar estruturalmente a fé pessoal das comunidades. Talvez em certa época, na Europa, especialmente na primeira metade do século XX, na era das revoluções russas e nas duas guerras mundiais, tenha realmente havido uma necessidade de crescimento da concepção de que a teologia deveria sair de sua ingenuidade empírica e fundamentalista. Especialmente pelo fato de estar sendo usada a bel-prazer pelos tiranos da época ou então sendo ridicularizada e questionada em sua existência. Essa saída era urgente, não apenas para despertar e aprofundar a fé dos fiéis, mas para enfrentar concepções de vida modernas cujos valores totalmente novos colocavam em xeque a hegemonia da fé sobre a vida dos seres humanos. Está aí, p. ex., a concepção de comunismo de Marx, pelo lado positivo de construção de uma sociedade justa, ou pelo lado negativo do niilismo das ideolo-

gias nazifascistas. A análise científica tornou-se uma arma de defesa contra a deturpação advinda dos poderosos ou ideologias entendidas como agressivas ou contrárias a fé.

Porém a teologia científica, atrelada demais à conservadora estrutura eclesiástica, não conseguiu achar resposta para o fenômeno das igrejas vazias, da procura por um sentido da vida, e especialmente não quis ou não conseguiu evitar a implantação planetária da concepção de desenvolvimento predatório criada no Primeiro Mundo.

Na América Latina, especialmente na Igreja Luterana, a teologia científica foi e ainda é vista com olhos um tanto europeus. A teologia da libertação certamente exerceu sua influência, mas não conseguiu de fato acabar com um certo encastelamento. O problema maior, porém, reside no fato de que teologicamente não se tem muita clareza com relação ao engajamento da Igreja Luterana, ou dos cristãos, na construção de uma sociedade mais justa, sem fome. A IECLB tem se pautado, isto é preciso reconhecer, especialmente a nível de pastorado e de direção, por um engajamento importante e um posicionamento relevante em questões sociais e políticas. Mas permanece a pergunta pela caminhada das comunidades. A cultura religiosa que se mantém fixa em grande número de membros luteranos é a do *apartheid* eclesiástico e do etnocentrismo como valores fundamentais para a fé "cristã". Um posicionamento tipicamente moderno, que contém as formas mais claras de dicotomias, muitas vezes usadas como defesas na preservação da cultura, como p. ex. a germânica. É um sinal de que a teologia moderna não conseguiu avançar as questões de fé para um patamar de interdisciplinaridade ecumênica, política e social. Permaneceu sem respostas novas a nível individual e acabou por consolidar concepções altamente conservadoras com relação ao mundo em que vivem os cristãos. Mas será que é somente a Igreja Luterana que luta com essas dificuldades?

4 — Teologia da Libertação e Culturas Orientais

Encarando a teologia da libertação de certo ângulo, ela tem princípios semelhantes às religiões orientais: a procura pela realização da fé a partir da existência dos seres humanos e não mais a partir de textos e tradições apenas: "A teologia é, com efeito, inerente à vida de fé que procura ser autêntica e plena (...). Em todo crente, mais ainda, em toda comunidade cristã, há pois um esboço de teologia, de esforço de inteligência da fé. Algo assim como pré-compreensão de uma fé que se fez vida, gesto, atitude concreta."¹² O que aqui ainda é expresso com palavras cuidadosas, o livro Zen do budismo diz com mais clareza: "Todos os homens, e todas as outras formas de vida, contêm a potencialidade da Iluminação; os processos consistem, portanto, em tornar-se 'naquilo que você é': 'Olha para dentro, tu és Buda'."¹³

Para a cultura oriental o ponto de partida da teologia, da iluminação é o ser humano onde ele está colocado, em sua totalidade, inclusive no universo que o cerca. Deste ponto onde se concretiza a fé parte a teologia para construir o conhecimento.

Outros aspectos do budismo são interessantes para serem analisados e comparados com a teologia da libertação. Assim, p. ex., a não-aceitação de qualquer tipo de autoridade. Também a teologia da libertação encara o problema de que a autoridade para a teologia e para a construção da fé não parte mais das instituições, mas da comunidade, e aí incluído o indivíduo. Para o Oriente o indivíduo nunca é individualista, mas está inserido num sistema de vida, seja social, seja com a natureza¹⁴. Ou então a questão da impermanência, do devir constante da vida, a mudança revolucionária são características profundas da teologia da libertação e da cultura oriental.

O primeiro fato da existência é a lei da mudança ou impermanência. Tudo que existe, de uma mancha a uma montanha, de um pensamento a um império, passa pelo mesmo ciclo de existência, a saber: nascimento, crescimento, decadência e morte. “A vida é uma ponte, não construas, pois, casas sobre ela”. A vida é um processo de fluxo e aquele que se apega a qualquer forma, por esplêndida que seja, irá sofrer por estar resistindo ao fluxo.¹⁵

5 — Teologia e Economia

Devemos certamente a Hinkelammert e Assmann, entre outros estudiosos do Departamento Ecumênico de Investigações (DEI, da Costa Rica), a vigorosa chamada de atenção para a relação entre a teologia e a economia. Hinkelammert afirma que hoje não se deveria mais estudar teologia a não ser nos compêndios de economia. É lá que se encontra a teologia que norteia de fato os desígnios da humanidade.

Por certo não é uma idéia aceita universalmente. Porém sua tese é verdadeira. Ela se baseia no fato de que o substrato ideológico das concepções econômicas capitalistas, da exploração, é teológico. Quando Hinkelammert analisa o fenômeno da dívida externa, um freio incrível para o equilíbrio da vida no Terceiro Mundo, ele vê componentes teológicos, criados já há séculos, que participam da concepção hoje vigente. Anselmo de Cantuária afirma, p. ex., que dívida é algo que apenas pode ser pago. Não há como perdoar. Pois o perdão quebraria as leis da justiça e o caos se instalaria. Quando, pois, há uma dívida, a única saída é pagá-la. Quando essa dívida se refere a Deus, então, a coisa se torna pior ainda. Pois o simples pedido de perdão da dívida que nós, pecadores, temos diante de Deus já é uma afronta a todas as leis divinas que regem o universo.

Baseada nessa teologia, a Igreja Católica, na época em que a questão da dívida externa começou a se esboçar como algo impossível de ser resolvido, mudou a prece da oração do Pai-Nosso de: “Perdoa-nos as nossas dívi-

das”, como está no original grego, para: “Perdoa-nos as nossas ofensas”. Com isso não apenas tirou o peso crítico desta petição, como acrescentou-lhe a idéia de que o próprio pedido de perdão de dívidas a Deus já é uma ofensa. Para esta, sim, é que devemos pedir perdão. Neste caso um perdão possível, por causa da grande misericórdia de Deus, que não teve dúvidas em sacrificar seu próprio filho para que os seres humanos não precisassem ser sacrificados.

Essa descoberta de que teologia e economia não são mais “disciplinas” separadas cientificamente, mas que interagem, formando uma ideologia econômica da modernidade capitalista, é por si só uma atitude pós-moderna, que coloca com clareza que a sociedade humana também funciona dentro de sistemas que muitas vezes não podem ser detectados quando se analisam os componentes separadamente. Teologia de um lado e economia de outro, sem que houvesse qualquer elo de ligação, por certo daria um resultado totalmente outro do que existe hoje, quando ambas interagem sustentando-se mutuamente. Talvez a economia não fosse a força hegemônica da sociedade, com sua direção tão injusta dos destinos da história humana, e nós não estivéssemos presos a uma teia sistêmica de processos que concebem a humanidade e a sociedade apenas dentro de conceitos de desenvolvimento que têm como base ideológica a necessidade do sacrifício de massas humanas para que cada vez menos pessoas possam ter cada vez mais.

6 — A Eclesiologia, o Ecumenismo e a Democracia

As igrejas são certamente as instituições que propiciam com mais clareza, mesmo que às vezes apenas a nível de subconsciente, a cultura do patriotismo, do etnocentrismo, da fidelidade, das raízes, etc. São, na realidade, criadoras e mantenedoras de cultura.

A cultura é vista hoje como um componente fundamental na preservação da identidade de povos. Para os negros, os índios, os imigrantes brasileiros a conservação da cultura é de grande valor, como autopreservação e na luta por direitos iguais e justiça social. Não se deve desconhecer este aspecto fundamental.

Porém não se deve perder de vista que a concepção de cultura em muitos casos pode levar e efetivamente leva a atitudes de separatismo. São atitudes que contêm como base a concepção de uma pretensa hegemonia racial, econômica ou política. Temos exemplos muito claros hoje no Brasil, como o *apartheid* social, como a campanha separatista do sul do país, ou na Europa a sangrenta luta entre sérvios e croatas. O Velho Mundo queda pasmo diante do recrudescimento de um aspecto perverso da modernidade que o levou ao ápice do desenvolvimento humano: o racismo cego e cruel, o *apartheid* econômico e social entre primeiro e terceiro mundos. Isto não são resquícios da época do barbarismo antediluviano, como alguns sociólo-

gos europeus o analisam. São, na realidade, conseqüências lógicas, perversas da modernidade que possibilitou o surgimento de compartimentações entre os seres humanos, a partir da economia. Num pólo desta modernidade estão pessoas, grupos, países e agora conglomerados de nações altamente desenvolvidos, no pólo oposto massas, nações, continentes inteiros cada vez mais famintos e desesperados, cujo destino é a morte pela inanição, para que o desenvolvimento não seja interrompido.

É o que Bermann¹⁶ explicita a partir do exemplo do Fausto de Goethe, quando este pede a Mefisto que afaste um casal de velhos de seu pedacinho de terra para possibilitar o controle total da região. Quando Mefisto cumpre o pedido, incendiando a casa e matando o casal, “limpando” a região para o desenvolvimento, Fausto quer lavar as mãos. “É como se o processo de desenvolvimento, ainda quando transforma a terra vazia num deslumbrante espaço físico e social, recriasse a terra vazia no coração do próprio fomentador. É assim que funciona a tragédia do desenvolvimento.”

A tragédia do desenvolvimento é a tragédia da modernidade. Separar, apartar, destruir para construir o desenvolvimento.

Eclesiologicamente nós, cristãos, participamos desse processo da modernidade. Somos Igreja Luterana, ou Católica, ou Metodista, ou Assembléia de Deus, ou Deus É Amor, ou outra qualquer. O processo que procuramos para ancorar nossa identidade é o separatismo eclesial, que no fundo esconde uma necessidade de exercício absolutista de poder eclesial e político do qual não se pode abrir mão. E os 500 anos de colonização das Américas somente demonstram isto, apesar da boa vontade de reverter esse quadro hoje.

No entanto, os movimentos espontâneos da sociedade acabam rompendo isso. As igrejas pentecostais não são nada mais que um fenômeno da pós-modernidade que quebra com a hegemonia das igrejas tradicionais. Mas, ao mesmo tempo em que são este fenômeno, elas mantêm em si uma concepção terrivelmente arraigada de hegemonia de fé e política sobre os seres humanos que buscam uma identidade perdida. Elas não sabem trabalhar com algo que quebraria realmente não apenas a hegemonia das instituições históricas, mas também a hegemonia da exploração política e econômica: a democracia e o ecumenismo.

A democracia é constantemente definida e redefinida. Creio que esta necessidade, bem como a impossibilidade de se fazê-lo, indicam um processo de constante mutação. Fala-se em democracia participativa, em democracia plena, até em democracia democrática, por um lado, e, por outro, em democratismo quando o uso demasiado radical distorce as relações livres e as torna antiéticas. Por isso é preciso entender que democracia é um valor que foge dos padrões tradicionais de definições ideológicas. Democracia não é uma ideologia. É um sistema de metodologias de comportamento social cujas expressões não são detectáveis e captáveis antes que aconteçam. Por isso não é possível criar um programa de democracia sem se contar com

o imponderável, tanto positivo, no sentido do avanço na justiça das relações humanas, como negativo, no sentido do abuso para atitudes individualistas e corporativistas, p. ex. O gerenciamento da democracia, se possível, é um segredo ainda desconhecido. Mas é na democracia que reside a esperança para um mundo onde o antigo problema da fome se torna uma epidemia planetária.

O ecumenismo deveria ser uma conseqüência da democracia. O primeiro mandamento dele é o da complementaridade. Não existe nesse processo uma ou outra religião de mais valor. Existe a opção, a escolha. Porém quando esta transforma a religião escolhida em postura absoluta, perde-se a dimensão da pluralidade e o ecumenismo é o sólido que se desmancha no ar.

Ecumenismo, porém, não significa um abalroamento da criticidade, que certamente não deverá mais estar alicerçada em critérios da cultura absolutista de um deus único, homem, ou de uma hierarquia eclesiástica patriarcal, porém na felicidade e na possibilidade de vida de todos os seres humanos neste planeta. Ecumenismo extravasa as paredes tanto de instituições religiosas como especialmente de concepções teológicas e de fé, revolucionando a estas e ao mundo. Se não o fizer, não passará de conversa e de boas intenções. Pois é uma atitude pós-moderna e, como tal, deve ser plural, aberta ao futuro e especialmente ter a característica da complementaridade.

7 — Ocidente e Oriente

A fé cristã nasceu de uma cultura oriental. No entanto, hoje é uma religião caracteristicamente ocidental, com teologia científica, estruturas eclesiásticas modernas e tudo. A religião, como fenômeno espontâneo, é uma característica muito mais da cultura oriental do que da ocidental. Por certo reside neste fato a tremenda dificuldade de se fazer com que a religião se torne algo fundamentalmente caracterizante da existência de nossa sociedade. Ela se tornou antes um instrumento de alienação na construção de uma sociedade niilista e cética como a capitalista e algo imposto de fora na cultura ocidental. O Ocidente somente é capaz de aceitar a religião como um instrumento e não como algo fundamental da vida humana, que brota da existência e que não pode ser imposto, livre pela própria natureza. Na realidade, entre nós a fé cristã, que é a religião hegemônica, nunca conseguiu fazer parte da existência, pois é uma religião imposta e que se impõe via estruturas de poder — ou ligada às estruturas de poder político partidário ou então como estrutura paralela. Mas raramente a religião cristã é entendida como religião particular, pessoal, que corresponde aos ditames do indivíduo, do sujeito. A psique humana precisa de outra dimensão religiosa, exatamente a individual, a liberdade de expressão do mito, do místico, do corpo e sua forma de adoração do divino. É preciso que o ser humano

esteja em equilíbrio consigo mesmo. Caso isto não seja realizável, de nada adiantarão estruturas de poder religioso. Elas apenas servirão para a opressão, nunca para a libertação. Os teólogos da libertação que o digam.

O Oriente encara a existência como um todo de sistemas interligados e complementares. É algo semelhante a um processo dialético que não promove dicotomias que separem o religioso do cultural, do político, do individual, nem o prendam a estruturas teológicas e eclesiásticas que reprimem a expressão da totalidade da fé. E, se o fazem, estão traindo o que há de mais profundamente verdadeiro em seus conhecimentos milenares. Os povos dos quais nos fala o Antigo Testamento são igualmente testemunhas dessa inter-relação inconsútil entre o diário, corriqueiro e o mítico, religioso. Nossa concepção cartesiana, racional e reducionista fez com que pudéssemos separar formalmente e na prática a fé — assim chamada “irracional” — da nossa labuta diária pelo pão ou pela fome de cada dia. Essa dicotomia criou ou participou de outras dicotomias cujas conseqüências hoje se mostram nas calamidades sociais do Terceiro Mundo em especial e diante das quais não sabemos muito bem o que fazer.

Creio que a pós-modernidade traz consigo a necessidade de uma postura ecumênica, plural e aberta para a teologia e para as igrejas cristãs, especialmente na direção da descoberta do mundo oriental. Porém não apenas para analisar friamente os processos religiosos com os quais não temos familiaridade, mas em especial para ver neles as origens das religiões, também de nossa fé. Quem sabe venhamos a redescobrir segredos há muito desperdiçados pela nossa construção teológica racional. Citaria exemplos como a valorização do corpo — sua sensualidade, seus canais energéticos, o poder da meditação — na construção de uma ética social centrada no ser humano e não no desenvolvimento econômico. Ou do transcendente — que invade nossas vidas constantemente através das mais diversas formas de comunicação existentes na natureza e que não valorizamos mais por causa de nosso estilo de vida construído sobre uma razão quase sempre irracionalmente injusta. Ou dos símbolos, cuja força de penetração em nosso ser, em nossa vida subestimamos. Ou dos mitos, que encerram verdades e fazem parte do nosso imaginário, muitas vezes escamoteados pela necessidade de preocupação com a pura sobrevivência material.

Saberemos ver esta exigência pós-moderna como fundamento teológico? Saberemos ver isto como fundamento para uma nova construção sócio-ecológica, menos desumana, menos antinatureza e mais justa? A história deverá nos contar esta história. Quem viver verá.

Notas

- 1 “As Dicotomias da Modernidade e Seu Declínio”, Revista *Humanidades*, 7(3):268ss., 1992. Boaventura de Souza Santos é professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- 2 ID., *ibid.*, p. 269.
- 3 *Ibid.*
- 4 *Ibid.*, p. 271.
- 5 Fritjof CAPRA, *O Tao da Física*, 16. ed., São Paulo, Cultrix, 1992; ID., *O Ponto de Mutação*, 20. ed., São Paulo, Cultrix, 1992.
- 6 Roberto A. FOLLARI, “Modernidad y Posmodernidad: una Optica desde América Latina”, Instituto de Estudios y Acción Social, Buenos Aires, Aique Grupo Editor, 1990.
- 7 Martin HONECKER, “Popanz Postmoderne”, *Evangelische Kommentare*, Stuttgart, 25(5):263-266, 1992.
- 8 FOLLARI, *op. cit.*, p. 13.
- 9 HONECKER, *op. cit.*, p. 263.
- 10 ID., *ibid.*
- 11 CAPRA, *Ponto de Mutação*, p. 77.
- 12 Gustavo GUTIÉRREZ, *Teologia da Libertação*, 3. ed., Petrópolis, Vozes, 1979, p. 15.
- 13 *Seu Guia para o Zen*, editado pela Comunidade Budista Sôtô Zenshû, São Paulo, 1972, p. 12.
- 14 *Ibid.*, p. 13.
- 15 *Ibid.*, p. 10.
- 16 Marshall BERMANN, *Tudo que É Sólido Desmancha no Ar*, São Paulo, Companhia das Letras, 1988, pp. 64ss.

Dario G. Schaeffer
Av. Sen. Lemos, 557
66030-000 Belém — PA